



Perdão das Ofensas: Porta de Libertação

Maria Luciana Nobre Queiroz¹
Ricardo Costa Simões¹

A partir do aspecto da evolução humana e das aquisições do espírito imortal em sua interação com seu universo interior e com o meio, a presente pesquisa busca responder as seguintes inquiuições: a partir de que momento a criatura assume condições de reconhecer em si uma falha? Sendo o erro um fato natural do processo de aprendizado, como pode a criatura compreender a diferença existente entre a aceitação compassiva e o imperioso burilamento pessoal? Uma vez compreendendo que errou, de acordo com os novos parâmetros de conduta que possui, onde encontrar mecanismos para não se deixar envolver por sentimentos de autorrejeição e de autopunição? Como, portanto, pode conduzir-se ao necessário autoperdão e ao autoamor, e como isso influencia sua relação com o mundo exterior? Como o perdão das faltas próprias e das faltas alheias contribui para a saúde física e mental? Como a casa espírita pode atender aos corações machucados que a procuram?

A noção de perdão

O homem possui as leis cósmicas inscritas em sua própria consciência. Embora em estado latente, este farol lhe norteia as atitudes em todas as faixas da evolução. Quanto mais distante da relativa perfeição a que está fadado, mais o ser projeta ao meio sua própria concepção de justiça, arraigada às paixões e aos valores e interesses pertinentes à faixa vibracional em que se movimenta. Nas palavras de um Espírito protetor: “até mesmo as impaciências, que se originam das contrariedades muitas vezes pueris, decorrem da importância que cada um liga à sua personalidade, diante da qual entende que todos se devem dobrar” (KARDEC, 2011, p. 182).

Enquanto plenamente envolvido pelo orgulho, o homem, sob o prisma segundo o qual devem os seus direitos e anseios serem compreendidos e atendidos, tem no próximo o estereótipo daquele que, burlando-lhe a vontade ou o ponto de honra, invade-lhe o universo, e à vida de relação atribui as origens de todas as vicissitudes que lhe perturbam e roubam a paz. Sob essa visão distorcida da realidade, coloca-se como vítima da vida, das circunstâncias, da sorte, das pessoas que o cercam, e até mesmo de Deus, e quer seja nas situações mais triviais ou nas grandes ocorrências que lhe marquem a marcha, será esta sua postura a provedora de sentimentos provenientes das reações ainda instintivas do rancor, da mágoa, da raiva, do ódio, do desejo de vingança, numa gradação de desajustes emocionais e consequentemente orgânicos.

¹ Trabalhadores da Fundação Allan Kardec (FAK), Manaus, AM.

Além disso, a criatura que assim se porta diante da vida cria para si um campo de constante frustração e azedume, pois que é incapaz de reconhecer suas próprias limitações, de aceitar que seus direitos terminam onde começam os de seus semelhantes, e ainda, que a medida da exigência dos direitos está intimamente relacionada ao cumprimento dos deveres.

À medida em que evolui intelecto e moralmente, aproxima seus valores dos reais e imorredouros parâmetros da justiça divina, regida pelas leis universais e naturais. Como estas leis são imutáveis, vai a pouco e pouco percebendo que são suas atitudes que devem a elas se ajustar, e não o contrário, momento em que passa a, inicialmente sob o ponto de vista racional, aceitar que o perdão é remédio necessário, e paulatinamente, sob a ótica da vivência, exercitá-lo, seja perdoando, seja pedindo perdão por suas transgressões. Para tanto, encontra na oração, como aprendemos com o Divino Amigo, a fonte de onde haure forças para a renovação: “perdoa-nos os nossos pecados, pois também [nós] mesmos perdoamos a todos que nos deve...”²

Fuga x Autopunição

Ermance Dufaux define ilusão como sendo “*aquilo que pensamos, mas que não corresponde à realidade*” e diz que a pior das ilusões é aquela que temos em relação a nós mesmos, e ainda, que as ilusões “*decorrem das nossas limitações em perceber a natureza dos sentimentos que criam ou determinam nossos raciocínios*” (OLIVEIRA, 2003, p. 132). Como estamos a caminho da luz, há um momento para a criatura quando já não é mais possível negar sua realidade inferior.

A busca pelo autoconhecimento é um processo de percepção e visualização da construção do ser ao longo de sua jornada. Quanto mais o sol das verdades imortais se nos agiganta à frente, mais reconhecemos a nossa pequenez e a confrontamos com as convicções que adotávamos, que passam a soar agressivas e desconexas pelo cair da máscara de nossas ilusões.

Deste movimento de, sob a luz a qual perseguimos, enxergarmos nossas sombras, podem surgir comportamentos que nos libertem ou aprisionem: “*àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos.*”³

Com a aproximação da luz do novo dia, que ao brilhar mais e mais radiante incide plena sobre nossas arestas, desvela-se-nos sem erros as demandas por posturas renovadas, que em contraste com os inevitáveis clichês de falência, detonam em nosso psiquismo o remorso, a culpa e a não aceitação. Vale ressaltar que, viajores da imortalidade, “*a gênese do não-perdão a si mesmo está baseada no tipo de informações e mensagens que acumulamos através das diversas fases da evolução de nossa existência*” (ESPÍRITO SANTO NETO, 1997, p. 230).

Desse modo, é naturalmente compreensível, em virtude de nossa posição, olhar para o nosso passado de delitos sem a necessária e proporcional estrutura emocional, o que não raro nos prende a ele, impedindo que o aproveitemos enquanto experiência promotora de aprendizado. A luta, então, instala-se no interior da consciência, em processos de negação do que constitui nossa bagagem enquanto viajores do tempo.

Frequentemente, por faltar à criatura as forças para encarar-se, aceitar-se e amar-se, o encontro consigo a conduz à autoilusão, e então esconde-se de si mesmo.

Devido ao sentimento de inferioridade que ainda assinala a caminhada da maioria dos habitantes da Terra. Iludimo-nos através de um mecanismo defensivo contra nossa própria fragilidade que, pouco a pouco, vamos extinguindo [...] Uma forma que a mente aprendeu para camuflar o sentimento de inferioridade da qual o espírito se conscientizou em algum instante de sua peregrinação evolutiva (OLIVEIRA, 2009, p. 133).

Não obstante sermos alimentados diuturnamente pelas energias restauradoras ao contato com o sol da vida, bloqueamos nossas aptidões naturais de metabolizá-las em prol de nosso fortalecimento, tendo em vista os distúrbios provocados pelo medo do apego às nossas sombras ou pela dificuldade não da compreensão da necessidade deste desapego, mas em sua consumação.

² Lucas 11,4.

³ João 20,23.

A consciência culposa, num processo natural de exteriorização, paralisa nossa ascensão e nos impeli, por meio da ativação das reminiscências de fracassos amiúdes, nova realidade como opção plausível e, portanto, acatada pela razão: a de que somos veteranos e inveterados infratores, logo, fadados a novos insucessos e, o que é pior, por esta razão, não sermos merecedores de encetarmos novos tentames.

Este ciclo mental se completa com a paralisia da vontade, entrecortada por emoções demeritórias de menos valia. Consequentemente, surgem sentimentos e posturas de autopunição e autocomiseração, em que a criatura cristaliza a remota imagem do anjo decaído.

Fechado em si, permanecerá a contemplar o horizonte, como semente inerte aguardando para germinar, mas fixa em sua esterilidade. Ou, se não, vê além de si o solo, a água e a luz, mas não se sente digno dessas benesses.

Sobre esse ponto, o Espírito Joanna De Angelis nos ensina que:

[...] a criatura humana é mais do que o corpo – é o Espírito – no qual se movimenta, independentemente da indumentária de que se reveste e através da qual interfere orientando toda a sua constituição e funcionalidade por meio da mente, que é o instrumento de que se vale para os objetivos existenciais [...] quando se trata de alguém portador de consciência culpada, as neurotransmissões se fazem deficitárias e as moléculas de neuropeptídeos, por escassez ou excesso, produzem distúrbios emocionais ou psiquiátricos correspondentes, exteriorizando-se como psicopatologias específicas (FRANCO, 2010, p. 47-48).

Importa salientar que este representa um momento delicado e decisivo na vida do ser, pois que:

[...] nesse torvelinho do “sistema psíquico de cobranças”, provocadas pelo estado de “arrependimento”, surgem dores emocionais profundas – sintomas das almas em crescimento [...] são alguns dos castigos a que se refere o Mestre Rivail quando diz: “indeterminada é a duração do castigo, para qualquer falta”. (OLIVEIRA, 2009, p. 193).

Dessa forma, pela consciência de sua inferioridade inegável, a criatura permanecerá prisioneira de si enquanto se mantiver incapaz de autoaceitar-se, perdoar-se e amar-se, únicos meios ao seu dispor para consentir lhe penetrem as forças que a ajudariam a desatar-se de seus equívocos e construir novos e verdadeiros tesouros. Neste contexto, a luz do amor, incidente sobre si, atingi-a na superficialidade, dando-lhe a entrever as promessas do amanhã vitorioso, o que lhe aguça o interesse ao lhe antecipar os raios da felicidade real.

Como o amor cobre a multidão de pecados, a criatura somente se reconhecerá como semente fértil, guardadora da relíquia da centelha divina, quando olhar para dentro de si e, além do receio e do desejo de sufocar-se, descubra-se gérmen que precisará sim enterrar-se, mas como quem precisa apagar-se para então se nutrir, germinar e florescer em busca da luz.

Como a criatura projeta ao redor sua realidade íntima, quando não é capaz de compreender, aceitar e perdoar a si mesmo, fugindo da conquista de aprender a amar-se, transforma-se também em tirano do seu próximo, aplicando a este o rigor que reflete sua revolta consigo por sua desdita, e toda dissensão é alimento pernicioso ao sentimento de vingança, atribuindo a isso o alívio de seus fardos, a cicatrização de suas feridas, o que lamentavelmente não ocorre, muito ao contrário, como nos ensina Joanna de Ângelis:

A sede de vingança é lamentável conduta espiritual que termina por afligir aquele que a vitaliza interiormente. Cabe ao indivíduo envidar todos os esforços para vencer esse sentimento inferior que lhe constitui motivo de demoradas angústias, porquanto é impossível desfrutar da infelicidade alheia, alegrando-se quando outro sofre. A aparente alegria, resultado da satisfação por sentir-se vingado, logo se transforma em profunda frustração, por desaparecer-lhe o motivo existencial (FRANCO, 2007, p. 200-201).

Autoperdão e autoamor

Um dos aspectos fundamentais para a aquisição e consolidação da indulgência, virtude que ensina a criatura a caminhar com leveza, é a habilidade que ele adquire ao exercitar a compreensão e a tolerância para com as próprias falhas, não para assumir uma atitude negativa de complacência que levaria à acomodação, mas para propiciar a si própria os recursos que a divindade lhe põe a mercê para o seu refazimento. A doutrina dos espíritos leciona, didaticamente, que três são os passos para a corrigenda de uma falta: a consciência

do erro, o arrependimento e a reparação. Para esse mister, *“somente a autoaceitação nos leva a sentir plena segurança ante os fatos e ocorrências do cotidiano, ainda que os indivíduos ao nosso redor não entendam nossas melhores intenções”*. (ESPÍRITO SANTO NETO, 1997, p. 232).

Jesus nos conclama a este processo regenerativo, pedindo-nos: *“reconciliai-vos o mais depressa com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho”*⁴, e ainda, *“se, portanto, quando fordes depor vossa oferenda no altar, vos lembrares de que vosso irmão tem qualquer coisa contra ti, deixai a vossa dádiva junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão, depois, então, voltai a oferecê-la”*⁵, este é o sacrifício mais agradável a Deus é o que o homem faz de seu ressentimento, pois é o que fazemos de nosso orgulho.

Lemos em *O livro dos espíritos*, questão 991:

Qual a consequência do arrependimento no estado espiritual? Desejar o arrependido uma nova encarnação para se purificar. O espírito compreende as imperfeições que o privam de ser feliz e por isso aspira a uma nova existência em que possa expiar as suas faltas (KARDEC, 210, p. 490).

Precisamos compreender que o erro faz parte do aprendizado e que a meta maior de nossa alma é atingir a felicidade suprema. Viajores a caminho, o que mais nos aproxima desta realização é o fato de nos reconhecermos parte da criação, sendo-lhe, a um só tempo e verdadeiramente, benfeitores e beneficiados, a fim de vivenciarmos o amor em sua essência divina. A satisfação experimentada quando em nós cintila a conquista dessa busca é tamanha que, por mais fugidios e raros que sejam estes instantes, quando acontecem, deixam após si estados íntimos que se eternizam, mimetizando a plenitude a qual perseguimos.

Não obstante os ensaios de gozos cotidianos e ociosos, embora não necessariamente danosos, e os prazeres etéreos da ilusão perniciosa, possíveis ao preço dos incontáveis desvios ocasionados pela incoerência de nossos passos, são os relances de alegria real que, mesmo em sua intermitência, servem de impulso a que movimentemos nossas energias na aquisição de valores cada vez mais enobrecidos e imperecíveis.

No dizer de Joanna de Ângelis:

Uma psicoterapia eficiente libera o paciente não só dos conflitos, mas também das paixões primitivas, que passam a ser direcionadas com equilíbrio, transformando os impulsos inferiores em emoções de harmonia [...] à medida que o ego se faz consciente dos valores ínsitos no Self, torna-se factível uma programação saudável para o comportamento, trabalhando cada dificuldade, todo desafio, mediante a reconciliação com sua realidade eterna (FRANCO, 2010, p. 72-73).

Qualquer transgressão às leis divinas, por mínima que seja, é feita à própria consciência, que cedo ou tarde despertará para a necessidade da corrigenda. A título de ilustração, trazemos à lembrança a experiência de Severiana, que se prepara para reencarnar e reparar o agravo feito à filha Cidália, pelo doentio pensamento abortista que um dia lhe ocorreu à mente, narrativa ditada por Ermance Dufaux:

[...] Enfim, aprendi que a simples intenção, nos códigos da eterna justiça, dependendo dos compromissos de cada qual, é quase a mesma coisa que agir... Severiana recuperou-se rapidamente e prepara-se para retornar como neta de Cidália. São passados pouco mais de dois decênios de sua queda e sua alma espera a remissão nos braços da avó. Todavia, quem arrepende precisa de muito trabalho reparativo e luz nos raciocínios. Foi o que fez nossa amiga. Não cessou de amparar e servir. Enquanto aguardava sua oportunidade, integrou as equipes de serviço aos abortistas no Hospital Esperança e aprendeu lições preciosas de consolo para seu próprio drama (OLIVEIRA, 2009, p. 91).

Essa renovação é processo contínuo e imperioso, pois segundo Joanna de Ângelis, *“a consciência não perdoa, no que concerne a deixar no olvido o crime perpetrado. O seu perdão se expressa mediante a reabilitação do infrator”*. (FRANCO, 1998, p. 31). Assim, ao passo que as exultações ainda arraigadas às paixões fadadas à depuração nos cobram reajustes intransferíveis, muita vez brindados em taças de lágrimas de arrependimento, remorso, desespero e revolta, as alegrias do coração renovado pelo sublime bem

⁴ Mateus 5, 25.

⁵ Mateus 5, 24.

enternecem a criatura sem exigir qualquer tipo de paga, ao contrário, enriquecem-no das virtudes que se farão mais e mais constantes, num processo gradual de maturação do senso moral e, paulatinamente, de elevação das aspirações, das emoções, dos sentimentos.

O perdão na vida de relação

Como visto, é da natureza do homem projetar ao mundo exterior sua realidade íntima, e enxergar no outro aquilo que existe em si próprio. Quanto ao exercício do autodescobrimento e do perdão isso não é diferente. Nessa linha de raciocínio, aquele que não se ama não pode amar o próximo; aquele que não se acolhe não poderá acolher quem sofre; aquele que não se perdoa não tem condições de compreender o erro alheio, logo, não terá ferramentas para perdoar-lhe as ofensas.

Ousamos afirmar que a recíproca também é verdadeira, ou seja, *“perdoar aos inimigos é pedir perdão para si próprio”* (KARDEC, 2011, p. 193), pois o próprio Mestre nos ensina que devemos perdoar na medida em que gostaríamos de ser perdoados, logo, *“enquanto não nos libertarmos da necessidade de castigar e punir o próximo, não estaremos recebendo a dádiva da compreensão para o autoperdão”* (ESPÍRITO SANTO NETO, 1997, p. 233).

Portanto, a partir do instante em que o homem está adquirindo a aptidão para reconhecer-se como filho de Deus que é e que todos somos criaturas em constante processo de evolução e, portanto, falíveis e necessitados de compreensão, indulgência e perdão, sendo capaz de estudar a si próprio, acolher-se, perdoar-se e buscar a reparação de seus delitos, mais fácil se torna a predisposição em estender ao outro que de alguma forma que o agride, a benevolência que gostaria de receber. Tal recomendação é expressa nas lições de Jesus quando nos ensina a orar *“E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”*⁶. Essa é a lógica que deve nortear o comportamento do verdadeiro cristão, fazer ao próximo aquilo o que gostaríamos que nos fosse feito.

Merece destaque, dentre as leis que regem o universo, sob o ponto de vista das reflexões aqui propostas sobre o perdão, a lei de causa e efeito, porque patenteia o axioma de que aquilo que nos ocorre é a consequência natural de nossas próprias ações. Nossas escolhas são pautadas no nível de consciência que já desenvolvemos e no esforço que fazemos por dele nos apropriar, e, as mais das vezes, ainda nos conduzimos pelos resvaladouros de nossos vícios e paixões e, portanto, muito ainda temos por resgatar e ajustar: daí não sairá enquanto não houver pago o último ceitil⁷.

Em outra lição, o Mestre nos fala a respeito da relevância de amarmos ao próximo como a nós mesmos, e diz, além, que devemos perdoar o outro, pois que também nós precisamos de perdão:

E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas. Mas, se vós não perdoardes, também vosso Pai, que está nos céus, vos não perdoará as vossas ofensas⁸.

Com efeito, seremos julgados e perdoados pela mesma medida com que procedermos:

Por isso, o Reino dos céus é semelhante a um homem rei que quis ajustar contas com os seus servos. Ao começar a justar [as contas] foi trazido a ele um devedor de dez mil talentos. Não tendo ele [com que] pagar, o senhor ordenou que fossem vendidos ele, a mulher, as crianças, e tudo quanto tinha, para que fosse pago. Então, prosternando-se, o servo o reverenciava dizendo: sê longâmine para comigo, e tudo te pagarei. O senhor daquele servo, compadecendo-se liberou-o e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um de seus conservos, que lhe devia cem denários e, agarrando-o, o estrangulava dizendo: paga, se algo me deves. Assim, prosternando-se, o seu conservo roga-lhe, dizendo: sê longâmine para comigo, e te pagarei. Ele, porém, não queria; mas saiu e lançou-o na prisão, até que pagasse o que estava devendo⁹.

⁶ Mateus 6, 12.

⁷ Lucas 2, 59.

⁸ Marcos 11, 25-26.

⁹ Mateus 18, 23-30.

Não é por outra razão que o Mestre, indagado pelo pescador de Cafarnaum sobre quantas vezes deveríamos perdoar aquele que nos ofende, oferece como resposta que perdoemos não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete vezes, pois o perdão pressupõe a ofensa recebida, e a ofensa, quando acolhida em nosso coração, significa ainda progresso a ser realizado em nós, uma vez que se tivéssemos a perfeita compreensão e vivência das leis naturais, e, sobretudo, se houvésssemos assimilado em nosso íntimo a perfeita justiça de Deus, não nos caberia aceitar ofensas, e, portanto, cairia por terra a necessidade do perdão.

Tal empreendimento não é fácil, mas temos que ter em mente que *“toda aprendizagem propõe esforço para ser assimilada, e toda ascensão exige o contributo da persistência, da força e do valor moral”* (FRANCO, 1994, p. 31). Nesse seara, diante de uma calúnia, de um agravo, dos reveses da vida enfim, a postura do ser consciente que procura vivenciar os ensinamentos cristãos é a de aceitar a lógica de que não existe efeito sem causa, e procurar em si as causas que o fazem ser tocado dos sentimentos contrários às leis divinas. Assim, mesmo que a criatura busque hoje pautar suas ações no esforço pelo autodescobrimento e pela melhoria interior, quando é assaltada por situações desequilibrantes que lhe firam profundamente a alma, se busca motivos de resignação, eis que a luz dos ensinamentos espíritas a leva à reflexão de que, se a causa de nossas aflições não está na vida presente, por certo encontra abrigo em alguma existência remota.

Não obstante a dor que visita aquele que é ferido em seus mais caros tesouros, a compreensão desses mecanismos faculta o exercício do perdão, liberando-o da sobrecarga de aliar aos “prejuízos” reparadores, o fardo pernicioso da mágoa, do ódio, da vingança, assim, “quando a caridade regular a conduta dos homens, eles conformarão seus atos e palavras a esta máxima: ‘Não façais aos outros o que não quisesdes que vos façam.’ Em se verificando isso, desaparecerão todas as causas de dissensões...” (KARDEC, 2011, p. 231).

Considerando que não há injustiça, mas necessidade de reparação, a ofensa acatada e o consequente remédio do perdão indicam o mal que ainda há em nós, e o exercício do perdão visa a por termo no ciclo vicioso de erros e ajustes, que servirá de bases para uma futura construção edificante, o que nos permite afirmar que o perdão, nesse sentido, representa à criatura a libertação. Ao contrário, quando ainda não desperta na criatura a importância e a necessidade do perdão, diz-nos Kardec, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, “ai daquele que diz: nunca perdoarei, pois pronuncia a sua própria condenação” (KARDEC, 2011, p. 194), porque permanecerá prisioneiro dos próprios infortúnios, quando cabe unicamente a si os movimentos para romper os grilhões que o impedem a marcha.

Na obra *Galieno*, ditada pelo Espírito Joel, encontramos o oportuno sermão do pregador cristão Lúcio Paulo a respeito do tema:

Em uma dessas reuniões escondidas, Lúcio Paulo ensinava a importância do perdão naqueles dias de provas pelos quais passavam os cristãos de Roma.

– Para Deus, meus irmãos, como nos ensinou Jesus, o perdão deve ser irrestrito e infinito. Por mais que soframos as torturas físicas e mentais; por mais que a traição por meio de seres amados nos encontre desprevenidos; por mais que a mentira seja descoberta por nós, desvendando a verdadeira face dos que nos cercam; por mais que experimentemos a humilhação e a vergonha pela ação de outrem que se move pelo desejo de vingar-se; por mais que o erro alheio pareça ser tamanho que nossas forças espirituais recusem-se à prática da misericórdia, Deus nos concita a perdoar sempre. Aquele que comete o mal e peca deliberada ou inconscientemente contra nós aprisiona-se ao seu erro, até que encontre a porta da liberdade pela reparação, que é o pagamento do último ceitel o qual ensinou Jesus. Ao agir pela reparação, o devedor quita-se com a sua consciência e habilita-se a seguir adiante, de coração limpo. [...] Quando decidimos sinceramente perdoar nossos algozes, quebramos as algemas que nos prendem àquele erro, libertando-nos para sempre daquela prisão mental. Por isso, ao contrário do que muitos pensam, o perdão ao erro do próximo não é simplesmente um gesto de bondade aos outros, mas sim o exemplo de amor a si mesmo. Quando assim decididos, tornamos nossa alma livre para elevar-se rumo à glória de Deus (CAMPÊLO, 2011, p. 104)

O papel da casa espírita no esclarecimento acerca do perdão

A dor visita aquele a quem a vida colocou diante das necessárias provas para que o caminho percorrido em ritmo de insensatez seja refeito e as benesses do contato com o amor em ação realizam os mais maravilhosos prodígios. É o sentimento renovado que traz o alívio ao coração estilhaçado pelo egoísmo; é a fé na bondade

paterna que oferta o sustentáculo ao debilitado; é a luz do entendimento que empresta rumo àquele a quem a noite da desilusão faz prisioneiro.

Cumpre, portanto, a todo aquele que se propõe a divulgar as verdades libertadoras, levar a luz do evangelho aos corações dos que os ouvem, fazendo-se ainda instrumento de apoio fraterno, pois que a lida com suas próprias dificuldades e o esforço por sua superação o habilita a melhor acolher os seus iguais:

O jovem pregador prendia a atenção de quase cem ouvintes, que se amontoavam naquela catacumba escura, que se iluminava com as luzes do Cristo. Em dado momento, foi interrompido por uma velha senhora, que chorava ouvindo as palavras de Lúcio Paulo, quando se aproximou para dizer:

– Meu filho, vejo que és um santo de Deus, pois as tuas palavras parecem amolecer meu coração endurecido pelo ódio a esses novos governantes romanos. Hoje, não tenho mais vontade de viver, pois meu marido e meu único filho foram mortos pela perseguição injustificada que atualmente sofremos. Vim até aqui para dizer-lhes que não aguento mais a solidão e que me inclino a seguir as vozes que invadem a minha mente, sugerindo-me o suicídio, para que me encontre com meu amado filho e meu amado marido. Confundes-me a cabeça agora, ao me falar desse perdão infinito. Por Deus! Existirá perdão para esses homens cruéis que nos tiram a réstia de felicidade no mundo?

[...] A cada palavra daquela senhora, parecia que dardos pontiagudos eram enfiados em seu coração, tamanha a dor que experimentava ao ouvir o choro sentido da cristã desesperada. De fato, ela experimentava o nível mais difícil da experiência de perdoar.

– Minha irmã, venha aqui abraçar-me, pois, neste momento, quero ser o teu filho amado, ousando substituí-lo, nem que seja por um segundo, em teu coração sofrido. Quem sou eu, doce mãe do sofrimento, para ter a ousadia de te pedir que perdoes, se não posso nem chegar a imaginar como deve ser a dor de uma mãe, quando perde, seja da forma que for, um filho amado? Não posso sequer pensar qual a extensão da tua dor, quando relembra, por certo com imenso carinho, os momentos que viveste com teu filho, desde a sua gestação, até o teu último carinho por ele. [...] De minha parte, boa senhora, não tenho nada a oferecer-te, a não ser o meu abraço afetuoso de filho, colocando-me à tua disposição para amparar-te como eu puder [...]

O gesto acolhedor de Lúcio Paulo sensibilizou aquele coração de mãe, que prontamente dispôs-se a receber o esclarecimento que aliviaria as suas dores. [...]

– Meditai no exemplo de Maria, a santa mãe de Jesus, quando acompanhou passo a passo o calvário de seu filho amado, tendo, ao mesmo tempo, que testemunhar, perante os algozes do fruto de seu ventre, a mais cruel e injusta execução que a humanidade já viveu, como também que vivenciar, na prática, os ensinamentos do seu filho-mestre, que dizia para perdoar seja em qual circunstância fosse. [...] Ele que, torturado, humilhado e crucificado, não tinha um só motivo para sofrer o que sofreu, mas, ao final, exemplificou a máxima experiência do perdão humano, ao dizer: “Pai, perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem”¹⁰. O choro sentido de Maria, ao colocar o corpo inerte do seu filho no colo pela última vez, por certo se equipara ao teu, minha amada senhora. [...] Aqueles que O julgaram, aqueles que O condenaram ou mesmo aqueles que executaram a sua sentença, certamente também possuíam um coração de mãe que estava por eles a velar, a sofrer e a amparar no momento que precisassem. Elas também amavam os seus filhos e por eles também Maria deve ter orado, ao perdoar aqueles que vilipendiavam o nome de seu filho Jesus. Por isso, minha mãe amada, oremos a ela, que sofreu as dores de cada chibatada, de cada prego e de cada palavra humilhante aplicada ao seu amado filho, mantendo, contudo, o sentimento do perdão que aprendeu com o Mestre Jesus (CAMPÊLO, 2011, p. 105).

Este exemplo, assim como tantos outros, possivelmente permeia a gama de conflitos daqueles que batem à porta da casa espírita, os quais trazem consigo suas dores, seja com dificuldades para perdoar outrem, seja quebrantados pelo remorso quanto pelo desespero em não se perdoar, e depositam nestas visitas a busca não apenas pelo refrigério, mas também pelo esclarecimento animador.

Todo e qualquer empreendimento psicoterapêutico deve trabalhar em favor da libertação do paciente de quaisquer amarras e dependências conflitivas, tornando-o capaz de avançar vivenciando as impressões edificantes, mediante imagens arquetípicas que irão sendo insculpidas em seu inconsciente pessoal, superando aquelas que procedem do passado de perturbação e primarismo (FRANCO, 2010, p. 75).

Vale ressaltar que tudo em a evolução humana é gradativo, “porque a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga.”¹¹ Nesse cenário, o papel da casa espírita, então, no tocante à abordagem do tema do perdão aos seus frequentadores, será o de fomentar na criatura

¹⁰ Nota da Editora: Lucas 23:34.

¹¹ Marcos 4, 28.

que busca acolher-se, conhecer-se e reformar-se, as possibilidades de desenvolvimento das potencialidades latentes de que é portadora, e não o de constituir-se num local de confecção de anjos salvadores do mundo. Nessa linha de raciocínio, nos alerta Ermance Dufaux que:

Muitas pessoas desejariam sair prontas para testemunhos após pequenos exercícios de espiritualização no centro espírita, entretanto, por ignorarem sua real condição espiritual, fazem da casa doutrinária um templo de aquisição da angelitude imediata. Querem sair prontos e perfeitos das tarefas e estudos, quando o objetivo de tais iniciativas é capacitar de valores intelecto-morais para repensar caminhos e encontrar respostas para as encruzilhadas da alma, nas refregas da existência (OLIVEIRA, 2009, p. 134).

Para aqueles que pensam que jamais conseguirão perdoar, oportuna é a lembrança evangélica narrada a seguir, na qual Jesus confere sim ao homem a faculdade de redimir suas faltas por meio do perdão:

Eis que traziam a ele um paralítico, deitado sobre um leito. E Jesus, vendo a fé deles, disse ao paralítico: anima-te, filho, os teus pecados estão perdoados. Eis que alguns dos escribas diziam entre si: Ele blasfema. E Jesus, vendo as reflexões deles, disse: por qual razão refletis coisas más em vossos corações? Pois que é mais fácil dizer “estão perdoados os teus pecados” ou dizer “levanta-te e anda”? Ora, para que saibais que o filho do homem tem poder, sobre a terra, de perdoar os pecados – então diz ao paralítico: levantando-se, toma teu leito e vai para tua casa. E levantando-se partiu para sua casa. Vendo [isso] as turbas temeram e glorificaram a Deus, que dera tal poder aos homens.¹²

Como estímulo e amparo à conquista de uma vida em equilíbrio, o conhecimento da verdade sobre nós mesmos será valioso mecanismo para repensar a nossa posição no mundo quando a dor da chaga aberta suplanta a compreensão da relevância inalienável do perdão. Jesus, o Excelso Amigo, convida a todas as criaturas ao conhecimento da verdade, afirmando ser a verdade libertadora.

Assim, a partir do pressuposto de que a casa espírita é posto de trabalho para nossa própria melhoria em primeiro lugar, e que o exercício deve ser o de oferecer ao outro aquilo o que gostaríamos de receber, acreditamos que é dever casa espírita a distribuição não de padrões de comportamento preconizados aos irmãos em humanidade que nos buscam, como se tivéssemos a fórmula mágica para o alívio de dores morais que muitas vezes não teríamos resistência de sentir. De igual modo, não deve ser nossa pretensão ensinar por meio de frases prontas sobre como deveria a pessoa agir para dar ao agressor um perdão que possivelmente nós próprios ainda não pudéssemos se estivéssemos em seu lugar, pois tal atitude poderá restar nula de significados para nós e para quem nos ouve.

Neste contexto, compreende-se a importância da postura do trabalhador espírita no papel do acolhimento de irmãos portadores de distúrbios provocados seja pelo remorso e pela culpa perturbadora, seja pelo rancor, pelo ódio e pela sede de vingança:

A consciência religiosa espiritista, a que decorre de uma visão profunda do ser, do seu destino, das possibilidades infinitas que possui e deve utilizar na construção da sua realidade maior, enseja essa terapia preventiva aos transtornos neuróticos, ao mesmo tempo ajudando a curá-los, quando instalados, mediante a compreensão do que cada um pode e deve fazer para si mesmo na atual trajetória reencarnacionista (FRANCO, 2010, p. 153).

Entendemos que a motivação para o aperfeiçoamento moral deve ser compartilhada entre aqueles que se buscam na tarefa de autoiluminação, e, como nos alerta Joanna de Ângelis, *“as pessoas que não se esforçam por preservar os ideais do enobrecimento perdem as batalhas da evolução antes mesmo de iniciá-las”*. No exercício de acolhimento, temos a chance de refletir que no esforço bem dirigido,

as energias se retemperam e as motivações, por serem elevadas, mais atraem a novos tentames, que se sobrepõem aos limites e desgastes dos sofrimentos. A mente, colocada em áreas nobres, anestesia as sensações dos desajustes e das enfermidades, emulando na conquista da harmonia (FRANCO, 1994, p. 84-85).

Seja acolhendo os irmãos desencarnados, seja em atividades de entrevista, acompanhamento individual, estudos do evangelho, enfim, precisamos ter em mente que todos somos viajores em busca de nossas próprias lições, e a escola chamada centro espírita nos dá a chance de aprender a amar, e, se àquele que nos procura, conseguirmos fazer tocar com o lenitivo de nossa solidariedade a fibra sofrida do coração e se formos capazes

¹² Mateus 9, 1-8.

de fazê-lo perceber e sentir quão inúmeros são os benefícios que ele proporcionará a si próprio quando for capaz de perdoar-se e perdoar, aí sim teremos lançado nele e em nós mesmos as sementes de um novo amanhã.

Lições aprendidas

Viajores da imortalidade, todos caminhamos, conscientes ou não, em busca da tão sonhada felicidade. Enquanto nossos passos não se conduzem sob a égide do amor, muitos fardos permanecem depositados sobre nossos ombros, pois pela nossa própria natureza e do mundo onde habitamos, ainda ferimos o outro e ainda nos deixamos machucar em nossas mais caras afeições. Grande é o número daqueles que não se sentem capazes de se propor ao exercício do perdão, este ato nobre e necessário no processo evolutivo. Com Jesus, o Mestre por excelência, descobrimos que o amor cobre a multidão dos erros, e que, seguindo suas pegadas, este mesmo amor torna estes fardos mais leves, o que por certo há de facilitar nosso caminhar.

Pelos benefícios que o perdão propicia a quem o pede, a quem o oferece, urge a necessidade para o despertar de seu exercício. A tarefa não é fácil, mas não é impossível. À luz dos ensinamentos de Jesus e da Doutrina Espírita, passamos a reconhecer que o erro faz parte do aprendizado, nosso e do próximo, que o remorso por si só é destruidor e que a culpa paralisa a marcha. Somente uma atitude proativa de busca de conhecimento de nossa realidade, a autoaceitação e a benevolência para com nossas fraquezas nos capacitam à conquista do autoamor e da reforma moral, a partir de quando desenvolveremos a compaixão e a indulgência pra com a fraqueza alheia.

Nesta escola chamada existência, sobretudo nós espíritas recebemos da Providência Divina a oportunidade bendita de realização no bem, em que, pelo muito amor que formos capazes de exercitar, cobriremos a multidão de nossas faltas. É nosso compromisso iluminativo meditar junto aos corações sofridos, ouvi-los com paciência, respeito e bondade, sentir suas dores, fazermos-nos irmãos, e juntos, buscar no Cristo o bálsamo suave para as nossas feridas e as forças para vencer os entraves que nos afastam da tolerância e da indulgência. Desse modo, conscientes da necessidade intransferível de nos despirmos de mágoas, ressentimentos, raivas, conquistarmos a mansidão de um coração preenchido por bons sentimentos e a leveza dos passos dos que caminham rumo à luz.

Referências

DIAS, Haroldo D. (Trad.) **O novo testamento**. Brasília: FEB, 2013.

ESPÍRITO SANTO NETO, Francisco do. Pelo Espírito Hammed. **Renovando atitudes**. Catanduva: Boa Nova, 1997.

FRANCO, Divaldo P. **Amor, imbatível amor**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: LEAL, 1998.

_____. **Triunfo pessoal**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 6. ed. Salvador: LEAL, 2010.

_____. **Plenitude**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 2. ed. Salvador: LEAL, 1994.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução Guillon Ribeiro. 130. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2011

_____. **O livro dos espíritos**. Tradução Guillon Ribeiro. 91. ed. 2. reimpressão. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

MARCELLUS, Campelo. **Galieno**. Pelo Espírito Joel. Manaus: Casa Bendita, 2011.

OLIVEIRA, Wanderley S. de. **Reforma íntima sem martírio**. Pelo Espírito Ermance Dufaux. Belo Horizonte: SED, 2003

